

LÍVIA NATÁLIA: *ABÉBÉ OMIN* - POESIA E RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA BANHADA NAS ÁGUAS DE OXUM

LÍVIA NATÁLIA: *ABÉBÉ OMIN* POETRY AND AFRO-BRAZILIAN RELIGIOUSNESS IN THE WATERS OF OXUM

Cristian Sales¹¹

RESUMO

A partir da análise de poesias selecionadas em duas coletâneas, *Água Negra* (2011) e *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015), da escritora baiana Livia Natália, o objetivo do nosso estudo é evidenciar como a produção literária afro-brasileira de autoria feminina incorpora elementos e crenças ligados às religiões afro-brasileiras. Nos versos de Livia Natália, percebemos a devoção da voz poética à deusa das águas doces, o orixá feminino Oxum, entidade yorubá que representa a beleza, a feminilidade, a fertilidade, o amor e a maternidade. Além disso, é através do *abébé omin*, um leque dourado em forma circular, usado por Oxum, que o discurso poético encontra na religiosidade afro-brasileira uma ferramenta de preservação das tradições, dos saberes e dos valores trazidos/herdados de África. São poesias que expressam a força criativa da literatura afro-brasileira de autoria feminina ancorada na religiosidade, forjando modos de resistências contemporâneas para uma coletividade. Para tanto, recorremos às seguintes referências teóricas: Carneiro e Cury (1993), Oliveira (2003), Gomes (2004), Souza (2013), entre outros.

Palavras-chave: Literatura Afro-Brasileira Contemporânea. Poesia Afro-Brasileira. Religiosidade Afro-Brasileira. Literatura Afro-Brasileira Contemporânea

INTRODUÇÃO

Abebé Omin

Dança violenta e bela na crista de minha alma.
Uma voz de água doce sussurra
nos meus ouvidos
numa língua outra,
de uma maternidade feita de ouro e mistério.
Pisa no meu juízo com seus pés de peixes,
naufrágios
e profundezas
[...]
Lava meus pés com seus cabelos de água,
lava meu ventre,
minhas mãos...
Se põe inteira ante mim

11 Professora da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, doutoranda em Literatura e Cultura-UFBA. Mestre em Estudo de Linguagens-UNEB. Pesquisa escritoras e intelectuais negras brasileiras e caribenhas. Escreve para Coluna Levantes Literários do Portal Correio Nagô. Participou como avaliadora da série literária Cadernos Negros (1978).

na proporção exata e necessária,
preenchendo tudo com seu castanho cristalino.
[...]”¹². (SOUZA, 2011, p. 35)

Na “lagoa funda e branda” chamada de Abaeté¹³, de águas turvas e negras, envolta em mistérios e encantos, busco evocar as forças e as energias ancestrais para produzir esse estudo sobre a escritora negra contemporânea Livia Natália. É nessa Lagoa, arrodada por um longo véu de areia branca, que ouço “uma voz de água doce” sussurrar nos meus ouvidos “numa língua outra”: poesia negra feminina de *abébé* nas mãos (SOUZA, 2011, p. 35).

Dito isto, para que eu “caminhe... agora e sempre”, não ousou usar as palavras-rituais ou começar minhas reflexões sem antes reverenciá-la: *Osun Ora yèyé Ó! Àgò*. Logo, ao evocar as bênçãos de mamãe Osun como fio condutor desse tecido discursivo de matizes dourados, neste texto-experimento que entrego como oferenda, sob o fluxo de suas águas doces e sagradas, recorro ao *abébé* enquanto signo-imagem, um instrumento litúrgico de ligação com o mundo ancestral inspirado nas *Àyabás*¹⁴. Significante polissêmico que utilizo como uma das ferramentas para interpretar as poesias de Livia Natália.

A fim de delimitar meu campo compreensivo, o *abébé* delinea-se como um ato criativo-interpretativo decorrente das leituras que faço a partir de duas antologias da escritora baiana Livia Natália: *Água Negra* (2011) e *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015). Presença marcante da religiosidade afro-brasileira. Poemas feitos das águas de *Osun*. Águas-correntezas que se movem, removem e agitam-se em um eterno bailado, às vezes quase imperceptível, marcando um ritmo do encontro com a terra. Águas que espelham o balanço do mundo, dançam e ondulam-se livremente com o vento...

Abébé Omin é uma expressão yorubá que significa espelho de água. É um espelho-leque de forma circular que simboliza Osun (quando de latão e tendo uma estrela no centro, batida ou vazada). Na mitologia yorubá, Osun é um orixá feminino que “habita as águas doces, condição indispensável para a fertilidade da terra e produção de seus frutos, donde decorre sua profunda ligação”, por exemplo, com “a gestação”¹⁵. (CARNEIRO e CURY, 1993, p. 23). Entre os símbolos

12 Poema publicado livro *Água Negra*, de Livia Natália (2011).

13 O nome *Abaeté* tem origem tupi (*abá-etê*) e significa homem forte, ilustre, homem de bem (O Tupi na Geografia Nacional). Está inserida no Parque Metropolitano do Abaeté, em Itapuã, criado em 6 de agosto de 1980, pelo decreto municipal nº 5.969, alterado pelo decreto estadual nº 2.540 de 18 de outubro de 1993. Disponível em: <<https://soteropolitanosdeitapua.wordpress.com/2007/11/19/lendas-do-abaete/>>. Acesso em 12 de abr 2017.

14 Segundo Mãe Stella de Azevedo Santos (2010, p. 167), *Áyaba* é um termo honorífico dado às divindades femininas de cultura Yorubá. Título dado às nossas Mães-rainhas, entre elas, Oxum. Ver o livro *Meu tempo é agora*.

15 Extraídos do livro *Mulher Negra*, edição comemorativa organizada pelo Geledés Instituto da Mulher Negra, publicado originalmente em 1993. A série Cadernos Geledés consiste em um conjunto de publicações, resultado da

rituais dessa divindade feminina está o *abébé*, que simboliza a sua relação com a beleza, a faceirice, qualidade que são próprias das filhas de Osun. “Sua cor é o amarelo-ouro, e gosta de adornos dourados. Quando dança, espalha o ouro e espelha-se no seu *abebé*”, sendo seus movimentos muito exultantes. (CARNEIRO e CURY, 1993, p. 24).

O espelho-leque se liga às práticas simbólico-culturais presentes nas poesias de Livia Natália. É um modo de escrever para e sobre as águas de Osun. É uma sintaxe inovadora de devoção da voz lírica à deusa das águas doces, ao orixá feminino Osun, que representa, entre outros arquétipos, a feminilidade, a fertilidade, o amor e a maternidade. É uma forma de escrita para reverenciar Osun, a presença da ancestralidade que carrega muitos *orís* (cabeças). *Orísá* de toda uma cidade: “homem, menino, menina, mulher”¹⁶.

Por outro lado, interpreto o *abébé* como um instrumento de luta importante que tem sido utilizado por escritoras negras para afirmar sua resistência frente todas as formas de desigualdade (gênero, raça e classe). Nele, espelham-se alegrias, lágrimas, conquistas, anseios, desejos, valores, crenças, bem como as idealizações individuais e coletivas ao dar sentido a uma significação social instituída por essa ferramenta ancestral.

O *Abébé Omin* integra um vasto campo lexical fecundado na aquosa negrura de arquetípicos, *orikis* e saudações que desaguam um rio de palavras para mãe das águas doces. No espelho-leque, vejo refletido um ato de comunicação que adquire valor político-artístico, estético-político e conduz às nossas práticas sociais no interior das comunidades nas quais, nós, mulheres negras, estamos inseridas. Isso nos possibilita ações de pensar e agir coletivamente.

Nas antologias *Água Negra* e *Correntezas e outros estudos marinhos*, os versos são feitos com muita doçura e elegância na proporção exata e necessária: [...] “Sou a Água eternamente translúcida. Precipício denso de onde estes peixes bebem... um silêncio delicado”, afirma a voz literária. (SOUZA, 2015, p. 31). Poemas feitos em transe...! “Dança violenta e bela na crista de minha alma. Uma voz de água doce sussurra”. (SOUZA, 2011, p. 35).

Neles, Osun se põe inteira: incorpora, vive, dança, pisa, lava o nosso ventre... Abençoa o nosso *Oris* (cabeças) e as mãos de quem escreve. Mãos de negras mulheres herdeiras da ancestralidade africana... Nas obras mencionadas, encontro poesias de uma potência lírica forjada em águas sagradas de um rio que corre de si a si ... Águas e pedras cantantes. É poesia que brota da

ação política do Geledés Instituto da Mulher Negra. Nele, refiro-me ao artigo intitulado *O Poder Feminino no Culto aos Orixás*.

16 Faço referência à composição de Gerônimo *É D'Oxum!*

terra, avança o céu, penetra nas profundezas dos rios, das cachoeiras e das marés. Inaugura um ciclo de palavras úmidas e únicas. É poesia negra feminina de *abébé* nas mãos.

2 LN: uma de nossas Ìyálòòdes¹⁷

Osun Janáina

Descobri que, para mim,
ser mulher basta.
Para puxar véus,
levantar saias
pintar as unhas de vermelho feroz –
mesmo que seja só para depois dizer: para.
(SOUZA, 2011, p. 31, grifo nosso)

Baiana de Salvador, Livia Natália ou Livia Natália Maria de Souza Santos, nascida em 25 de dezembro de 1979, *Omo òrìsà* de *Òsun* e de *Odé*, no Terreiro Ilê Asé Obanan¹⁸, de fundamento Ketu, além de ser poeta, possui mestrado (2005) e doutorado (2008) em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia, na qual também é professora adjunta de teoria literária (2010). Ela pertence a uma geração de escritoras e poetisas que se autoafirma como mulheres negras em seus discursos. Em diferentes gêneros literários (contos, poesias e romances), essas vozes evidenciam um sujeito da enunciação que se quer mulher negra. Para tanto, constroem uma “dicção estética de suas escritas que passa pelo estabelecimento de prioridades éticas e políticas que constam na agenda do dia de muitas mulheres negras brasileiras”. (SOUZA, 2011, p. 112).

[...] Escrevo sobre maternidade, escrevo sobre escrita... O próprio processo de escrita me interessa muito... Escrevo sobre violência. Escrevo sobre vários temas. Mas todos os temas nascem de um lugar de fala... do meu lugar de fala enquanto mulher negra. (LÍVIA NATÁLIA, 2017)¹⁹.

Livia Natália se apossa da escrita e de seus recursos disponíveis de *abébé* nas mãos. Escrita literária que evidencia o engendramento de maneiras particulares de enfrentar as contingências da

17 Osun é chamada de Ìyálòòde (Iaodê) título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre todas as mulheres da cidade. Ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre a água doce, sem a qual a vida na terra seria impossível (VERGER, 1997, p. 67). A Ìyálòòde é uma mãe poderosa, mãe forte. A partir daqui, vou me referir ao nome da poeta de forma abreviada: LN.

18 Livia Natália é uma das *Egbomes* do Ilê Axé Opô Aganjú, já tendo feito a sua obrigação de sete anos (odu ejé). Segundo Mãe Stella de Oxossi, *egbon* “é o mais velho, mais maduro”. (SANTOS, 2010, p. 172). Ver o livro *Meu tempo é agora*.

19 Ver entrevista concedida pela poeta ao GELBC. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QyRFuV7siqo>/acesso em 10 de abril de 2017>.

vida no contexto afro-diaspórico em diferentes lugares, conforme colocam Paul Gilroy (2001) e Stuart Hall (2003). Reverbera o empoderamento das mulheres negras regido pela força das Àyabás, filhas de Osun, Yemonjá, Naná, Oyá, Ewá e Obá. Deusas do amor e da guerra. Mães-rainhas presentes em muitos *odus* (destinos) e donas de muitos *orís* (cabeças):

Alvorada Negra

[...]

Não há portas que calem este meu voar
Meu corpo é todo périplo,
é Atlântico,
se mergulha nas sendas dos ventos
que cantam numa língua esquecida
Para sempre serei pássaro:
para isso nasci.

[...]

Agora, em todo canto,
Meu canto.

E minhas asas cortam o silêncio
com sua faca macia.

No alto do céu já desfeito de cor

cintila meu bando:

Asas-irmãs se espetam nas nuvens

Eu lhes aprendo o vôo

pois que a palavra é nosso fundo
e único mistério partilhado.

(SOUZA, 2015, p. 76-77, grifo nosso)

No poema *Alvorada Negra*, além de relembrar as dolorosas travessias feitas no Atlântico negro por nossxs ancestrais nos porões dos navios, das vidas negras tragadas pelas ondas-lágrimas, a voz lírica se recorda das trajetórias que precisaram ser reconstituídas na afro-diáspora. O sujeito poético elege uma linhagem literária para si formada por escritoras negras, homenageando as suas mais velhas, chamadas de asas-irmãs.

Não há receio no escuro do meu dorso
e o meu olhar se trança no vazio
das ondas onde o mar se despedaça.

Houve um porto triste
uma África de nunca mais.

Houve a lâmina dos navios sangrando os mares.

Asas-irmãs se espetam nas nuvens

Eu lhes aprendo o vôo

pois que a palavra é nosso fundo
e único mistério partilhado. (SOUZA, 2015, p.76-77)

“Asas-irmãs se espetam nas nuvens”. Eu lhes aprendo a luta, a rebeldia e a resistência. “Eu lhes aprendo o vôo”... Eu lhes aprendo o canto e o grito em busca da tão sonhada liberdade. Eu incorporo aos meus versos feitos de águas-lembranças gerações e gerações por meio da fala e da

escuta. “[...] Não há portas que calem este meu voar... [...] Para sempre serei pássaro: para isso nasci... e minhas asas cortam o silêncio com sua faca macia” (SOUZA, 2015, p.76-77). A minha poesia se constitui de um legado construído por mulheres negras ancestrais, afirma a voz poética. Não há somente dor e sofrimento. Há alegria nesse meu voar. Voar em bando! Eu lhes aprendo o voo e cumpro o que está em meu *Odu* (destino): ser mulher- pássaro... ser mulher-peixe... ser poeta...

Assim, na perspectiva de respeitar suas antecessoras e dar sustentação a uma continuidade que ela enxerga no espelho-leque das águas-tempos, nas imagens refletidas no *abébé*, Livia Natália dedica seus versos às escritoras negras Geni Guimaraes, Conceição Evaristo e Odete Semedo (Guiné-Bissau), nomes já consagrados pela literatura negra no Brasil e pela literatura africana na contemporaneidade.

Para Heloísa Toller Gomes (2004, p.13), “a escrita (da mulher) negra é construtora de pontes”. Pontes “entre o passado e o presente, pois tem traduzido, atualizado e transmutado” saberes e experiências corporais de mulheres através das gerações. Laços entre autoras de diferentes idiomas e nacionalidades que possuem a “paixão do narrar” e poetizar suas respectivas vivências afro-diaspóricas através da palavra. Ou seja, na capacidade que tem a palavra de intervir e rasurar sob a proteção das águas. Promover lindos encontros e reencontros sob o fluxo das águas de Osun e Yemonjá. (GOMES, 2004, p.13).

Todavia, ainda estão implícitas entre os versos “outras asas-irmãs” que, nessa *Alvorada negra*, constituem um coro de vozes-mulheres, as quais, “em todo canto”, voam juntas. São elas: Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Lia Vieira, Cristiane Sobral e tantas outras trajetórias igualmente importantes (SOUZA, 2015, p.76-77). Cantam a negritude em seus percursos criativos, enredam-se pelos caminhos da memória do rio-mar, assim como Livia Natália.

Desde a sua estreia, a poeta baiana Livia Natália já publicou três antologias individuais: *Água Negra* (2011), *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015), *Água Negra e Outras águas* (2016), *Dia bonito pra chover* (2017) e *Sobejos do Mar* (2017). Participou ainda da coletânea poética *Ogums Toques Negros* (2014) e da coleção intitulada *É agora como nunca: antologia incompleta da poesia contemporânea brasileira*, organizada pela cantora e professora Adriana Calcanhotto (2017), que reúne quarenta e um escritoras nascidas de 1970 a 1990, publicação da Companhia das Letras. Conquistou prêmio de melhor livro de poesia em 2017 com *Dia bonito pra chover*, conferido pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes).

Premiado pelo Concurso Literário do Banco Capital (2011), o livro *Água Negra* possui vinte e

nove poemas distribuídos em três seções nomeadas de *Odu Omim*, expressão da língua nigeriana Yorubá que significa “o destino das águas”, composta de catorze poemas, dentre os quais o poema homônimo *Água Negra*; seção com nove poesias; e, finalmente, *Desaguar*, seção constituída de seis poesias. No tecer das composições, as águas são o grande tema dessa antologia, que faz referência ao orixá feminino Osun. Sobre essa coletânea, a poeta, escritora e professora baiana Ângela Vilma diz que:

[...] Feliz de quem escuta as águas negras, à beira do rio, à beira do mar.[...] a beleza de um canto, como quem perscruta, escuta um búzio; grande búzio que é o livro de Livia: nele o mundo ressoa, com seus símbolos vivos e mortos, as infâncias guardadas e doloridas, os mantos femininos descobertos, os barcos paternos, todos os ritos da vida habitados na palavra mágica. Nele, a poetisa sensível murmura para nós o segredo de nossa sobrevivência, ao nos revelar o lugar onde a poesia nos leva para que possamos saber da “memória de luz” das estrelas. (VILMA, 2011, p. 1).

Por outro lado, na antologia *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015), publicada pela Ogum's Toques Negros Editora, prefaciada por Conceição Evaristo com posfácio do poeta negro José Carlos Limeira (1951-2016)²⁰ e dividida em três partes (*Vaga*, *Maresia* e *Sargaço*) são apresentados sessenta e dois poemas. Em *Correntezas*, a lírica negra se espria em cada parte que corresponde aos “estudos marinhos” da poeta Livia Natália. A primeira seção, intitulada *Vaga*, possui dezessete poemas; *Maresia*, dezenove poemas; e, por fim, *Sargaço*, com vinte e sete poemas. Fazendo o seu discurso fluir como as águas dos mares, dos rios, das cachoeiras e da lagoa negra, entre tempos e deslocamentos, mitos e ritos ancestrais africanos, o sujeito poético celebra a sabedoria que permeia a força da sonoridade de cada palavra-verso.

No espelho-leque de Osun, ao frescor dos encontros com suas raízes, o eu lírico exalta o seu pertencimento étnico-racial, evoca a sua ancestralidade negro-africana e compartilha as nuances de sua condição enquanto mulher negra, conforme leio em *Água Negra* as seguintes poesias: *Ori*, *Osun Janáina*, *Asé*, *Correntezas*, *Corpo e Oriki para Osun*, entre outras. Já em *Correntezas e outros estudos marinhos*, tais elementos inventivos são mencionados nos poemas: *Sina*, *Estudo Marinho*, *Orixá didé*, *Riografias*, *Poema ebó*, *Onde o espelho?*, *OutrÁfricas*, entre outros²¹.

20 José Carlos Limeira Marinho Santos nasceu em Salvador-BA, foi militante do Movimento Negro brasileiro, integrou a direção de diversas entidades como o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), do qual foi vice-presidente cultural –, fundou o primeiro Bloco Afro Cultural do Rio de Janeiro, o Afro Axé Terê Babá, e o GENS – Grupo de Escritores Negros de Salvador. Sua última obra impressa, *Encantadas*, foi editada e publicada pela Ogum's Toques em 2015.

21 Para composição desse texto-experimento, no último penúltimo desse estudo, vou enfatizar tais aspectos, consciente de que as obras de Livia Natália merecem um estudo sobre todos os seus poemas. Por isso, vou eleger algumas poesias para desenvolver uma análise literária seguidora dos caminhos sugeridos pelas águas abençoadas pelas divindades femininas.

Além das temáticas citadas, impregnada de muita sutileza e simbolismos ligados às águas, espalhando sua poção mágica, a voz lírica extrapola as experiências da vida cotidiana ao retalhar a realidade em acontecimentos circunscritos em seu mundo subjetivo (em um fluxo e refluxo de correntes marinhas) nas poesias *Cotidiano*, *Buscâncias*, *Cotidiano II*, *Oração*, *Assombro*, *Consolação e Poeminhas de amor sem enfeite nenhum*, entre outras.

Há versos destinados às relações familiares, especialmente feitos para a sua mãe, a quem dedica a antologia *Correntezas*. Mãe, amparo psíquico no qual o colo, o acolhimento e o vínculo instauram uma posição de um ser do outro, como extensão uma da outra em *Espelho*: “cada vez mais eu reconheço nela uma mulher como eu”²². (SOUZA, 2011, p. 25). Mãe suficientemente boa: *As mãos de minha mãe, Esquecimentos e Da morte absoluta*²³: “[...] as mãos de minha mãe, cada vez mais idosas, guardam, em suas linhas, o segredo do nosso destino... e gestam frutos de um futuro sempre feliz, sempre feminino” (SOUZA, 2015, p. 21).

Com originalidade, partindo de uma proposta estética sofisticada, nas poesias de Livia Natália os ritmos e as melodias dão os contornos a uma lírica negra das águas que, de *abébé* nas mãos, questiona as desigualdades sociais, o racismo, o sexismo e a violência cometida contra a população negra em *Quadrilha*: “[...] Quando João morreu, assassinado pela PM, Maria guardou todos os seus sapatos”²⁴. (SOUZA, 2015, p. 137).

Vicejam ainda sentimentos que se escorrem e se misturam, tais como: amor, solidão, desilusão amorosa, abandono, perdas afetivas, carências, afetividade da mulher negra etc. “As pontes não são felizes, pousam tristes sobre o caminho impossível”, mas curam feridas (SOUZA, 2015, p. 143). Os poemas de Livia Natália são “escritos com a tinta da vida e o sangue dos dias”²⁵ (SOUZA, 2015, p. 79). “Tudo é desejo e cintilância”... Sentidos como flores delicadas, cujos gestos repousam suavemente em outras águas-mundos. Parafraseando a poeta, lubrificam o sexo e os afetos... [...] Há neles desejos de língua... A voz sedutora desagua desejos incontidos de fêmea:

Mas quando seu corpo ressona nos lençóis
onde o espero
é meu o seu silêncio
e a calma do depois
É no meu corpo que escreves
sua narrativa primeira

22 Trecho do poema *Espelhos* publicado na antologia *Água Negra*, 2011, página 25.

23 Os referidos poemas integram a antologia *Correntezas e outros estudos marinhos*, respectivamente nas páginas 21, 29 e 95.

24 Em 2016, o poema *Quadrilha*, de Livia Natália, integrante do projeto *Poesia nas Ruas*, aprovado pelo Fundo de Cultura do Estado da Bahia, foi censurado pelo governo e deixou de ser veiculado. Os versos de Livia foram estampados em *outdoors* na cidade de Ilhéus, sul da Bahia. O texto recebeu críticas de deputados e da Associação dos Policiais e Bombeiros Militares do Estado da Bahia (Aspra), e o *outdoor* foi removido.

25 Cito fragmentos do poema intitulado *Do Desejo* publicado da antologia *Correntezas e outros estudos marinhos*.

e definitiva.
(SOUZA, 2011, p. 21)

[...] Meu homem é muito bonito: seu corpo é negro e esguio, diz. Seus cabelos perfumosos dançam no seu dorso largo... e sua boca castanha e absoluta”. [...] Primaveras no lençol... “Só desabrocha nos lábios de meu bem”. (SOUZA, 2015, p. 83).

Os versos de Livia Natália possuem uma potência de múltiplos afetos que se espriam no aquoso e liquefeito terreno/território de emoções, sensações e devoções a orisá Osun. É extraordinária a qualidade de sua linguagem que desce às profundidades abissais dos rios, mares e cachoeiras, traz à superfície a densidade de seus segredos sempre férteis em significados. Assim, gota a gota... Eu bebo e encanto-me com as palavras feiticeiras. No movimento de vidas-moléculas, vidas-correntezas ao mesmo tempo... Neles, o eu lírico é mulher e menina, deusa-rainha, mãe e filha, donas de todos os dengos, segurando o *abebé*.

3 POESIA BANHADA NAS ÁGUAS DE OXUM

Abebé Omin

Dança bruta e verdadeira no chão de minha alma,
prepara meu corpo para ser sua morada:
vomito quizilas e fico de novo límpida e casta.
Lava meus pés com seus cabelos de água,
lava meu ventre,
minhas mãos...
Se põe inteira ante mim
na proporção exata e necessária,
preenchendo tudo com seu castanho cristalino.
A mim tudo deu e tudo dará,
e entrego dourada e rubra minha cabeça a teus pés,
para que aqui caminhe,
habite,
deite
e viva,
agora e sempre,
dentro desta lagoa funda e branda,
neste rio que corre de mim a mim.
(SOUZA, 2011, p. 35)

A dança de *Osun* lembra “o comportamento de uma mulher vaidosa e sedutora que vai ao rio se banhar, enfeita-se com colares, agita os braços para fazer tilintar seus braceletes, abana-se graciosamente e contempla-se com satisfação” em um *abebé*, segundo Verger (1997, p. 70). No poema *Abebé Omin*, o verbo dançar simboliza ação dos versos feitos em transe. Imortalizam o

momento da chegada do orísá e o transe da filha de Osun que desce no corpo fictício da voz poética: “prepara meu corpo para ser sua morada” e entrega “dourada e rubra minha cabeça a teus pés”. Movimento de entrega total à energia ancestral: “[...] para que aqui caminhe, habite, deite e viva, agora e sempre” (SOUZA, 2011, p. 35). Dança e movimento que se faz também com o leque ritual dourado nas mãos:

ORISA DIDÊ

Arranca as percatas de seu cavalo
e nele galopa com os pés no chão.
Solta um grito que se espeta no alto

e,
repetido,
saúda a terra com a majestade de sua presença.

Dança sem a calma das horas,
pois seus braços se erguem para fora do tempo.

Caminha com sua carne de mito
e, quando vai, não parte.

Apenas se banha em seu próprio mistério. (SOUZA, 2015, p. 41)

Detentora de um lirismo inconfundível e pujante, os versos de Livia Natália são colhidos nas águas e dunas da Lagoa Abaeté, onde a escritora se criou e foi “alimentada por Iemanjá”, tornando-se também mulher-peixe²⁶. Orisá Didé faz referência ao momento em que, no candomblé, a divindade das águas se manifesta e o orísá toma posse de seu “cavalo”, do corpo da filha Omo-orisá de Osun. “Caminha com sua carne de mito” que “apenas se banha em seu próprio mistério” (SOUZA, 2015, p. 41).

Regida por essa força mítico-ritual, com passos miúdos e certos, o eu feminino dança e marca graciosamente o significado de cada verso ao ritmo do *ijexá* e ao som dos atabaques “numa língua outra”, pois sabe o que espera evocar em sua escrita traduzida como escrita herança ou como²⁷:

[...] como boa filha de Osun, me criei nas dunas no Abaeté e, alimentada por Iemanjá, muito me banhei na poética praia de Itapuã [...] Ser poeta e contista é a minha missão afetiva primordial, e isto me faz atenta às inutilidades de mundo [...] quando criança não tinha grandes narrativas a contar na volta das férias, então inventava. Nasce aí a ficcionista. A poeta vem desde sempre, descosendo o mundo. E é esta intimidade com as palavras que atravessa as Oficinas de Criação literária que ministro e meu ser e estar no mundo²⁸.

26 Ver depoimento concedido no <<http://outrasaguas.blogspot.com.br/p/quem-sou-eu.html/>>. Acessado em 10 abr. 2017.

27 Os atabaques desempenham um duplo papel, essencial nas cerimônias: o de chamar os orixás no início do ritual, e, quando os transe de possessão se realizarem, o de transmitir as mensagens dos deuses (VERGER, 1997, p. 37).

28 Entrevista concedida por Livia Natália disponível no *blog* “outrasaguas”. Acesso em: 12 abr. 2017.

No contexto da atual literatura negra brasileira feita por mulheres, seus poemas constam do panteão dos mais belos²⁹, pois combinam força com sensibilidade, potência com delicadeza, influência da tradição com desobediência total. Em um fluxo íntimo de relação com a deusa yorubana, senhora das águas, por isso, a voz lírica agradece à potência de sua escrita ao sagrado no transe das palavras: “[...] A mim tudo deu e tudo dará”... entrego dourada e rubra minha cabeça a teus pés, para que aqui caminhe” (SOUZA, 2011, p. 35).

Retornando aos gestos de abertura, no poema-devoção, *abébé omin* é o elemento religioso que alimenta a fé nos orixás e, especialmente, na Orísá Osun³⁰. Nele, cultuam-se outras formas de viver em sociedade, distanciadas dos padrões hegemônicos orientados por uma cultura ocidental judaico-cristã. Por outro lado, situam-se na perspectiva da cosmovisão africana de valores e crenças outras, conforme propõe Eduardo Oliveira (2003).

Essa cosmovisão africana se funda na vivência e no reconhecimento da presença da ancestralidade e, por que não, em uma abebelidade³¹. No *abébé* que quase tudo é possível de enxergar e, nele, inspiro-me, noto que a abebelidade é uma condição de ser Osun, evidenciá-la como dona do *ori* (cabeça) ou mesmo para quem não é desse orixá. É um estado de ser assumido explícita ou implicitamente por quem escreve. É um estado de se identificar com seus arquétipos ou sua condição de pertencimento identitário: “[...] o Rio, prenhe de suas negruras, / ainda perfuma a noite, a juba, o silêncio / das correntezas. / O Rio, inolvidável, deixa até nas pedras / o seu rastro” (SOUZA, 2015, p. 45, grifo nosso).

A abebelidade é um modo de agir-pensar, de viver e reverenciar a senhora das águas doces, uma potência criativa cuja presença se espalha na escrita de mulheres negras: “[...] Dentro da água há um espaço sempre preenchido onde dança uma mulher castanha e bela. [...] No fundo, mais que limo e pedra, / há pulseiras vivas e perfumes feitos de puro mistério” (SOUZA, 2011, p. 29). As águas, pulseiras e o perfume formam um campo lexical que lembra uma vaidosa e bela Osun, arquétipo de certa “feminilidade elegante”, segundo Pierre Verger (1997), sempre coberta em ouro e bálsamo.

29 Faço referência ao panteão africano formado pelos orixás, por divindades provenientes da religião Yorubá, que saiu da Nigéria e difundiu-se em diversos lugares do mundo.

30 Deusa do amor, terceira esposa de Xangô quando vivia na terra, dizem ter sido sua preferida. Muito vaidosa e de temperamento voluptuoso, Oxum usou de todas as artimanhas para prendê-lo, tanto que, por meio de sutilezas, fez a sua rival, Obá, cortar a orelha e cozinhá-la, dizendo-lhe que com isso o agradaria. Sua cor é o amarelo-ouro e gosta de adornos dourados.

31 É nas poesias de Livia de Natália e de Mel Adún que bebo essa palavra-conceito. Reflito sobre esse conceito em minha tese (em andamento). Cito as poesias *Aguada, Oin, Vou-me embora pra Oshogbo*, entre outras de autoria de Mel Adún na coletânea poética *Ogum's Toques Negros* (2014). A abebelidade deriva da palavra *abebé*, mas sofre influência do signo “ancestralidade”.

Dentro da perspectiva de tomar o *abébé* como um gesto criativo-interpretativo, essa ferramenta pode funcionar para exaltar a nossa beleza, estimular a nossa vaidade e gostar de nossos corpos negros femininos. Para Carneiro e Cury (1993, p. 19), essa visão mítica da mulher que estou propondo, inspirada em *Osun*, constitui-se em um importante elemento para reafirmar a identidade feminina negra, pois é um instrumento poderoso de empoderamento estético e político:

Onde espelhos?

Para minhas irmãs negras

Este cabelo que lhe vai liso sobre a carapinha, é simulacro infeliz do que não és...

[...]

abafando o preto encaracolado...

[...] Este cabelo requeimado e grotesco

sepulta o que em ti há de mais belo.

A dobra também é uma forma de Ser. (SOUZA, 2015, p. 113)

OutÁfricas

O Negrume de minha pele
não dói na Ponta dos meus dedos,
não dói entre minhas pernas,
nem nos joelhos.
Não dói quando meu cabelo se dobra
em cachos crespos,
não dói.

Esta cor que fala antes de mim,
que chega alastrando-se
e a tudo contamina
com seu cheiro salobro de outrÁfricas,
em mim não dói.

Ela dói no outro.
Arde, violenta seus olhos,
fere, na carne grossa do medo,
a brecha macia que sabe
do vermelho-irmão de todo sangue. (SOUZA, 2015, p. 35)

Entre os sabores, dissabores e odores do mundo aquático, os versos de LN resgatam a nossa autoestima. Do movimento, o encontro do rio e do mar, nossos corpos femininos surgem revestidos de uma negrura com cauda de peixe. Neles, reside o pulsar de nossos dias. Ao valorizar as nossas raízes, nosso corpo, nosso cabelo e nossa pele são exaltados como símbolos da identidade negra feminina, signos de relevo mais intenso de nossa negritude, elementos políticos de autoafirmação.

Em outra leitura possível, a escritora negra baiana Hildália Fernandes (2017), acredita que isso é uma característica da literatura *abébé*³². Referindo-se em particular às narrativas, ela afirma

32 A autora fez a sua estreia na literatura negra com o conto *Usina de sonho*, publicado na série literária *Cadernos Negros* (1978), volume 36, em 2014. Nela, referindo-se à escritora afro-americana Toni Morrison, Hildália pensa o termo “literatura *abébé*” em entrevista concedida para o projeto Literatura Inteira.

que o *abébé* é uma ferramenta a ser utilizada pelas “mulheres negras na diáspora”. Nelas, “as nossas imagens são refletidas”. Podemos encontrar umas as outras. O espelho-leque dourado pode nos ajudar a “inverter/reverter certos estigmas”, curar feridas e cicatrizes herdadas do escravismo.

Se a civilização ocidental propõe às mulheres negras um estereótipo calcado na docilidade e submissão, por outro lado as mulheres de Osun (filhas) e aquelas que se identificam com seus arquétipos (mas que não são filhas) recusam esses estigmas. As filhas de Osun também são guerreiras, gostam de enfrentamentos e embates. Não fogem das batalhas e das disputas: “dentro dessa água doce cabe a violência das tormentas”. (SOUZA, 2011, p. 29). Osun é bela, meiga e faceira; porém, também é sensual, esperta, traiçoeira e feminista negra. Ela encanta os homens e os submete, segundo leio em: [...] “As senhas do meu corpo / Falo nenhum devassa” (SOUZA, 2011, p. 57).

Para a escritora, jornalista e poeta Mel Adún (2011, p. 10), oferecendo pistas sobre a abebelidade, do *abébé* enquanto signo criativo-celebrativo, “toda vez uma mulher negra fala por si mesma em uma obra”, é um gesto de empoderamento de outras mulheres. É escrita que traz consigo e compartilha a experiência da coletividade feita na comunhão de nossos afetos, crenças, memórias e histórias individuais. Essa escrita que dá “voz a milhares de outras mulheres, negras ou não”.

Poesia negra de *abébé* nas mãos:

Descobri que, para mim,
ser mulher basta.
Para puxar véus,
levantar saias
pintar as unhas de vermelho feroz –
mesmo que seja só para depois dizer: para. (SOUZA, 2011, p. 31)

Segundo Mel Adún, a escrita *abébé* “surge de saia rodada, feminina e afiada”. (ADÚN, 2011, p. 10). Assim como Osun, ela carrega uma *abébé* e um ofã, baila tanto ao som do agueré quanto ijexá. Reverencia sua abebelidade. Chamo a abebelidade de um conjunto de signos e aspectos semânticos ligados às águas que, de alguma forma, lembram ou possuem ligação com o *orisá* Osun. A abebelidade é uma condição de ser-agir-pensar daquelas que constroem e enfeitam seus próprios espelhos-corpos de múltiplos matizes de dourado.

Nessa forma de escrita poética, as águas de Osun serão sempre abundantes. Rainha de todos os rios. O *abébé* guia as mulheres negras “por céus estrelados e nos deságua no colo de Orixás Omi”. Como todo rio, seguimos o curso e quando necessário traçamos novos caminhos, como faz Livia Natália. (ADÚN, 2011, p. 10).

Sob nomes distintos, características diversas umas das outras, Osun possui muitas qualidades. Das mulheres que são símbolos do charme e da beleza. Voluptuosas e sensuais. Das mulheres negras vaidosas, faceiras e maternais. Das mulheres negras transgressoras, fêmeas-ferozes e insubmissas, assim como também das femininas feministas negras, confirma a voz poética: “[...] Para puxar véus, levantar saias pintar as unhas de vermelho feroz” e, no ímpeto de romper as tradições e amarras, “mesmo que seja só para depois dizer: para” (SOUZA, 2011, p. 31).

Com seus encantos, Osun é capaz de gerar a vida ou secar tudo, da terra ao ventre. Ela é a grande feiticeira. Ser feiticeira também embute uma relação de poder que desperta, ao mesmo tempo, prazer e medo, pois confunde, seduz e encanta os homens. Por outro lado, a ira de Osun “pode provocar o desencadeamento de contrários a suas qualidades” (CARNEIRO e CURY, 1993, p. 23).

Para Conceição Evaristo (2015, p. 15), “a poesia de Livia Natália apresenta um teor celebrativo de uma memória ancestral e histórica negra”. Os versos “relembra traços da teogonia africana dos povos nagôs que sobrevivem entre nós”. É uma voz lírica que coloca *asé* na escrita das mulheres negras repleta de palavras que já nascem protegidas:

Asé

[...] Sou uma árvore de tronco grosso.
Minha raiz é forte,
nodosa, originária,
betumosa como a noite.
O sangue,
ejé que corre caudaloso,
lava o mundo e alimenta.
o ventre poderoso de meus Orixás.
A cada um deles dou de comer
um grânulo vivo do que
sou com uma fé escura. (SOUZA, 2011, p. 33)

(Borrão na escrita do deus de olhos docemente azuis).
(SOUZA, 2011, p. 33, grifo nosso)

A palavra *asé* significa, em yorubá, energia vital. “Tudo que se movimenta tem *asé*, os animais e as plantas”, segundo Reginaldo Prandi (2011). O *asé* assenta-se em um movimento de resistência e promove a re-existência negra na diáspora nas poesias de Livia Natália. Sua energia engendra outras possibilidades de leitura do real e do sensível. Conforme já enfatizei, os versos oferecem uma interpretação da realidade que desafia o universalismo europeu e sua visão limitada do sagrado e do humano:

Minha fé é negra

e minha alma enegrece a terra
no ilá
que de minha boca escapa.
Sou uma árvore negra de raiz nodosa.
Sou um rio de profundidade limosa e calma.
Sou a seta e seu alcance antes do grito.
E mais o fogo, o sal das águas, a tempestade
e o ferro das armas.
E ainda luto em horas de sol obtuso
nas encruzilhadas
(SOUZA, 2011, p. 33, grifo nosso)

No poema, o eu lírico celebra a sua fé negra fundada na ancestralidade, ou seja, na abebelidade que se contrapõe, mais uma vez, à visão de mundo ocidental. Sua fé em Osun e no ventre poderoso de seus *orisás*. “A cada um deles dou de comer um grânulo vivo do que sou com uma fé escura”. Evoca um verdadeiro *xirê* protetivo para os seus caminhos: “[...] Sou a seta e seu alcance antes do grito (*Odé*). E mais o fogo (*Sangô*), o sal das águas (*Yemonjá*), a tempestade (*Oyá*) e o ferro das armas (*Ogun*)”. Nas encruzilhadas, ela elege Exu, que surge como mensageiro e tradutor de luxuosas suas palavras.

Ainda na chave da interpretação da poesia, *Ejé* e *ilá* são palavras em Yorubá que significam sangue e voz (grito do orixá). O sangue é considerado vital para *asé*: “O sangue, é o ejé que corre caudaloso, lava o mundo e alimenta”. O sangue é a cor da vida. Quanto ao *ilá*, pode ser a natureza falando, um som de pássaro ou um grito de guerra, o grito do *orisá* quando vem à terra que, diz a voz lírica, “[...] de minha boca escapa”.

A presença do *asé* de Osun é celebrada repetidas vezes pela voz poética: “Sou uma árvore de tronco grosso. Minha raiz é forte, nodosa, originária, betumosa como a noite”. “[...] Sou uma árvore negra de raiz nodosa”. A árvore é um dos símbolos fundamentais das religiões de matriz africana. Os velhos baobás africanos de troncos enormes suscitam a impressão de serem testemunhas dos tempos imemoriais. Na cosmovisão africana, a árvore surge como o princípio da conexão entre o mundo sobrenatural e o mundo material, princípio de conexão, sustentáculo da tradição, origem e fundamento.

A epistemologia do *abébé* tem como fio condutor esse *asé*. *Asé* que movimenta a vida que existe em nós, nos animais e nos vegetais. No *asé*, encontramos um vasto campo de produção do conhecimento situado nesse mundo e para além dele. É um espaço produtivo de nascimento de ideias e epistême que bebo nas poesias de Livia Natália e em muitas outras escritoras negras. Nelas, é Osun quem orienta o *asé* e a construção desses outros saberes. Saberes que são fundamentados em seus arquétipos, *orikis* e *itans*.

Outro ponto a ser destacado diz respeito à busca por uma autodefinição, autoidentificação com os atributos que lembram a deusa das águas: “[...] Sou um rio de profundidade limosa e calma” (SOUZA, 2011, p. 33). Essa autoidentificação com os arquétipos da senhora dos rios é o que chamo nesse texto-experimento de abebelidade: “[...] meu corpo um rio pedregoso... esconde o cheiro de maresias” (SOUZA, 2011, p. 55).

4 NO LEQUE-DOURADO...OS RIOS NÃO SE CALAM!

Osun é vida pulsante nas poesias de LN. Nelas, os rios de águas doces, negras, lodosas e profundas nunca se calam. Águas de variadas temperaturas que reviram tudo. Ora são águas calmas e pacientes... Ora são correntes oceânicas insubmissas. Rios que também escondem correntezas perigosas e segredos. Águas que irrigam a nossa abebelidade. A abebelidade é uma linguagem estética e política com cores, texturas, gestualidades, sonoridades, movimentos corporais e cheiros inspirados em Osun. É um modo de escrever, pensar-agir e reverenciar a nossa ancestralidade ao promover a circulação do axé, da força que dinamiza a vida para que esse mundo não se acabe através da tradição litúrgica negro-africana. Livia Natália traz também essa missão em seu *Odu* (destino). No espelho-leque, re-existimos belas, sedutoras e vaidosas. No leque dourado de Osun que o eu lírico segura com devoção, podemos exaltar o nosso pertencimento étnico-racial, professar a nossa fé nos *orisás* e compartilhar as nuances de nossa condição enquanto mulheres negras, sendo filhas da senhora das águas ou não. O *abébé* é uma ferramenta de interpretação singular. Por isso, os rios não se calam, “mas há quem não saiba que ele é fundo” (SOUZA, 2011, p. 73).

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÚN, Mel. Prefácio. In: SOUZA, Livia Maria Natália de. *Água Negra*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011.

ADÚN, Mel. *Vou-me embora pra Oshogbo*. Organização de Guellwaar Adún, Mel Adún e Alex Ratts. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2014, 146-156.

CARNEIRO, Sueli e Cury, Cristiane Abdon. O poder feminino no culto aos orixás. In: *Mulher Negra*. Caderno IV. Edição comemorativa Instituto Geledés da mulher negra, São Paulo: Instituto Geledés, 1993, p. 19-35.

CORDEIRO, Hildália Fernandes Cunha. A poesia negra feminina de Livia Natália:

“escrevivências” de terreiro. In: *Seminário internacional acolhendo as línguas africanas – Siala*. Africanias, Imagens e Linguagens, 2012, Salvador/BA. Salvador: Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2012.

DJOKIC, Aline. *Oxum, Oyá e os Espelhos*. Blogueiras Negras. 10 fev. 2017. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>>. Acessado em 19 abr. 2017.

EVARISTO, Conceição. Lembranças das águas primordiais. In: NATÁLIA, Livia. *Correntezas e outros estudos marinhos*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015. p. 13-17.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. *O caminho das águas na poesia de Livia Natália*. São Leopoldo. v. 20 n. 2, p. 103-111, jul./dez. 2015.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade de dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2001.

GOMES, Heloísa Toller. Visíveis e Invisíveis Grades: Vozes de Mulheres na Escrita Afrodescendente Contemporânea. In: *Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia: EDUFU, vol. 12, nº15, p. 13-26, 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

OLIVEIRA, Eduardo. *Cosmovisão Africana no Brasil – Elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza: LCR, 2003.

PRANDI, Reginaldo. Axé, corpo e almas: concepção de saúde e doença segundo o candomblé. In: Paulo BLOISE (Org.). *Saúde integral: a medicina do corpo, da mente e o papel da espiritualidade*. São Paulo: Editora Senac, 2011, v. 1, p. 277-294.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SALES, Cristian Souza de. *Da persistência de um esquecimento... a resistência de nossa*. Disponível em: <<http://correionago.com.br/portal/da-persistencia-de-um-esquecimento-a-resistencia-de-nossa-escrita/>>. Acessado em abr. 2017.

SOUZA, Livia Maria Natália de. A lírica menor: por uma teoria da literatura das Literaturas de Língua Portuguesa. In: *Afro-rizomas na diáspora negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*. José Henrique de Freitas Santos e Ricardo Riso (Organizadores). Rio de Janeiro: Kitabu Editora, 2013, p. 89-102.

_____. *Água Negra e outras águas*. Salvador: Caramurê, 2016.

_____. *Água negra*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011.

_____. *Algumas questões sobre a formação da escritora e do escritor negro contemporâneo*. edição 15ª *Revista Inventário*: Salvador: UFBA, 2016.

_____. *Correntezas e outros estudos marinhos*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.

_____. Freudiana. In: *É agora como nunca: antologia incompleta da poesia contemporânea brasileira*. Organizadora Adriana Calcanhoto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. Intelectuais Negras e Racismo Institucional: um corpo fora de lugar. In: *Leitura e literatura do centro às margens: entre vozes, livros e redes*. Elizabeth Gonzaga de Lima, Luciana Sacramento Moreno Gonçalves e Verbena Maria Rocha Cordeiro (Organizadora). Minas Gerais: Pontes Editores, 2016.

_____. Múltiplas paragens do corpo intelectual: poéticas da diferença em Mel Adún, Ana Paula Tavares e Esmeralda Ribeiro. In: *Afro-rizomas na diáspora negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*. Organizadores José Henrique de Freitas Santos e Ricardo Riso. Rio de Janeiro: Kitabu Editora, 2013.

_____. *Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina*. Amarino Queiroz, Maria Nazaré Mota de Lima, Roland Walter (Organizadores). Número temático: Literatura, cultura e memória negra. A Cor das Letras — UEFS, n. 12, 2011.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. 5ª edição. Tradução Maria Aparecida Nóbrega. Salvador: Corrupio, 1997.

VILMA, Ângela. Orelha do livro. Água Negra. In: NATÁLIA, Livia. *Água negra*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011.

Professora da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, doutoranda em Literatura e Cultura-UFBA. Mestre em Estudo de Linguagens - UNEB. Pesquisa escritoras e intelectuais negras brasileiras e caribenhas. Escreve para Coluna Levantes Literários do Portal Correio Nagô. Participou como avaliadora da série literária Cadernos Negros (1978).